



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 21/08/2015

CHINA	2
Devaluación impacta sobre demanda mundial de carnes.....	2
Efecto mínimo se estima sobre las exportaciones australianas.....	2
Brasil estima que podría ser afectado por la depreciación del yuan.....	2
BRASIL	3
Mercado de hacienda firme pese a las dificultades de la demanda local.....	3
Cepea: precio medio de la carne bovina aumentó 22 por ciento en un año.....	3
ABIEC: valor exportado retrocederá en 2015- Impacto de la desvalorización del rublo.....	3
Ministra de Agricultura y su par alemán discuten tratado de libre comercio entre Mercosur y UE.....	4
Esperan una recuperación en los precios después de caer al mínimo del año.....	4
ABIEC: Brasil será el primer productor mundial de carnes bovinas en los próximos cinco años.....	5
Oferta ganadera del estado de Mato Grosso se recuperaría recién a partir de 2017.....	6
Equidad en tratamiento impositivo: entrará en vigor en el sector frigorífico de Mato Grosso el 01/09.....	6
AFTOSA	7
Mato Grosso proyecta dejar de vacunar en 2018.....	7
Justicia Federal suspende la medida que prohibía fabricar vacunas contra la aftosa.....	7
Campaña de inmunización habría cubierto el 98 % del rodeo: 164.7 millones de cabezas.....	7
CNPC debatirá sobre la posibilidad de dejar de vacunar contra la aftosa en Brasil.....	8
Abrafrigo considera que los últimos cierres de plantas equilibraron el mercado y que no se producirán más.....	8
CNA y Entidades debatirán cambios en el Sisbov (sistema de identificación y trazabilidad del ganado).....	9
URUGUAY	9
Precios del ganado gordo ajustan a la baja. La industria presiona los valores.....	9
Adecuación de precios de las haciendas para faena. Crecidas de pasos impiden que se carguen los ganados que ya fueron vendidos.....	10
Gremial avícola denuncia que 25% del pollo consumido es de contrabando Uno de cada cuatro pollos que se venden carece de control sanitario.....	11
BPU destaca la primera faena ritual humanitaria en Uruguay, desarrollada «respetando el bienestar animal».....	11
UNIÓN EUROPEA	12
UE sus consumidores optan por cortes bovinos más baratos.....	12
IRLANDA: exportaciones hacia EE.UU. muy por debajo de lo esperado.....	13
AUSTRALIA	13
Sequía y moneda débil jaquean las finanzas del sector ganadero.....	13
Indonesia depende de Australia para abastecer su Mercado de carnes bovinas.....	14
Aumentan las exportaciones australianas hacia CHINA en Julio de 2015.....	15
VARIOS	17
CHILE muestran los primeros resultados de un estudio sobre los atributos de la carne de vacuno.....	17
EMPRESARIAS	18
Auchan abrirá una planta frigorífica en RUSIA.....	18
JBS Mercosul mejorará sus márgenes en el tercer trimestre de 2015.....	18
JBS una subsidiaria australiana hizo una oferta para comprar una empresa neocelandeza.....	19
JBS avanzaría en automatización con una adquisición en Oceanía.....	19
URUGUAY Ajustan protocolo para carnes Holando de alta calidad.....	19



CHINA

Devaluación impacta sobre demanda mundial de carnes

17 August 2015 - China's decision to devalue the yen has called the strength of international beef demand into question.

This is according to University of Missouri economists who say doubt can be expected in the months to come.

In their weekly cattle outlook, Ron Plain and Scott Brown write that the China devaluation of 4.4 per cent is the largest in more than 20 years.

According to USDA/FAS, China is projected to account for 6.4 per cent of global beef imports this year. That figure was well below 1 per cent prior to 2012.

Expectations for U.S. net exports of beef continue to decline, with projections released by USDA this week now pegging the U.S. as a 1.1 billion pound net importer of beef this year. This is the largest amount of net imports since 2007, when exports were still severely curtailed due to BSE. As beef production begins to increase in 2016, the year over year quantity of beef available to the domestic market will likely grow the most since 2004.

Efecto mínimo se estima sobre las exportaciones australianas

20 August 2015 On its own, the weaker yuan would make Australian exports more expensive to buy in China. But this is likely to be offset by the expected continued weakening of the Australian dollar and the lowering of tariffs on Australian red meat, set to begin later in 2015 when the China-Australia Free Trade Agreement (ChAFTA) enters into force.

Last week, on 11 August, the People's Bank of China lowered the "daily fix" of the yuan by 1.9% against the US\$, the largest devaluation in 20 years. By 14 August, the size of the devaluation was 4.4%. It also decided to widen the trading band to 2% either side of the "daily fix", allowing the currency to trade in a 4% range on any given day.

After Beijing "un-pegged" the yuan from the US\$ in June 2010, the currency was gradually allowed to appreciate against the US\$, hitting a record high in January 2014. This went some way to addressing the concerns of western governments that the yuan was being kept artificially low to favour Chinese exports. However, as Japan and Europe have devalued their currencies as part of their Quantitative Easing, the relatively high yuan was considered out of step with the slowing Chinese economy.

Beijing is moving gradually to allow the yuan to be more market-driven, as part of its reform efforts to integrate China into the world economy. This is a key step to increasing the volume of yuan used in trade and the volume traded on currency markets, what some are calling "the rise of the Redback".

Rather than the devaluation being bad for Chinese growth, it is more widely expected to help the economy this year, as the lower currency is intended to help the under-performing export sector.

On the face of it, a weaker yuan will make Chinese products cheaper abroad and make foreign goods more expensive in China. However, this is a relatively minor change, following years of gradual appreciation of the yuan to the US\$.

Rather than simply making commodities more expensive for Chinese importers, the yuan devaluation could be marginally positive for countries like Australia, as Chinese manufacturers increase their demand for iron ore, coking coal and copper, to meet the growth in manufacturing that is expected to occur as a result of the devaluation.

The tariff reductions that will begin once the ChAFTA comes into force, expected later in 2015, will be a further boost to the competitiveness of Australia's exports, including red meat.

Ultimately, as China gradually joins the world economy, it will be opening itself up further to market forces, which will add complexity to any country doing trade with China. But when it comes to imported red meat in China, the fundamentals driving demand remain strong, and a weaker yuan will not dampen Chinese consumer concerns about food safety and quality.

Brasil estima que podría ser afectado por la depreciación del yuan

Fonte: Estadão Conteúdo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint 17/08/15 -

A decisão do Banco do Povo da China (PBoC) de desvalorizar abruptamente a moeda do país, o yuan, pode afetar negativamente a exportação de carne bovina brasileira no curto prazo, diz a analista Lygia Pimentel, sócia-diretora da AgriFatto. Mas apesar do transtorno para o comércio exterior, ela avalia que a maior preocupação para a pecuária nacional é o fato de a medida sinalizar que o crescimento da economia asiática segue "artificialmente induzido" e que o governo chinês tem deixado mudanças estruturais necessárias para depois.



Lygia acredita que a medida pode levar importadores chineses a limitar compras do Brasil. “Moeda fraca é moeda que compra menos, então, no curto prazo, vejo isso como negativo. Mas esse impacto deve ser diminuído pela desvalorização do real”, afirma. Em agosto do ano passado, o real chegou a 2,70 yuans. Hoje, mesmo com a ação do PBoC, está em 1,80 yuan.

O PBoC limita diariamente as oscilações do yuan no mercado de câmbio por meio de uma taxa de paridade com o dólar. No entanto, na terça-feira, 11, o banco central chinês decidiu desvalorizar em 1,9% essa banda de referência e fez a divisa afundar. Com isso, o dólar atingiu a máxima de 6,3391 yuans durante o pregão em Xangai, ante 6,2097 yuans do fechamento de segunda-feira. Segundo o Deutsche Bank, durante o dia a moeda chinesa registrou a maior queda desde 1994. A medida busca aumentar a competitividade de exportadores da China, após as vendas externas registrarem queda de 8,3% nas receitas em dólares em julho, e estimular a economia, que avança no menor ritmo desde 1989.

Desde a retomada dos embarques à China, em maio, após anos de embargo sanitário, foram vendidas ao país 15,1 mil toneladas de carne bovina, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) compilados pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). O desempenho já fez com que a China continental se tornasse o décimo maior comprador de cortes bovinos do Brasil. O primeiro da lista é Hong Kong, província chinesa semiautônoma, que adquiriu 152,8 mil toneladas entre janeiro e julho de 2015.

BRASIL

Mercado de hacienda firme pese a las dificultades de la demanda local

Sexta-feira, 21 de agosto de 2015 O mercado do boi gordo está firme e a tendência altista prevaleceu na última semana. Na média das trinta e uma praças pesquisadas, a variação ficou positiva em 0,1% nos últimos sete dias.

Embora pouco expressiva, a valorização média demonstra a tendência de alta em boa parte das regiões, balizada principalmente pela redução da oferta de animais.

Os animais provenientes de engorda a pasto estão cada vez mais escassos e os animais de confinamento ainda representam pouco nas programações de abate.

O consumo está lento, mas os abates também estão menores em relação ao ano passado, o que tem regulado os estoques e possibilitado a manutenção dos preços no mercado atacadista de carne com osso. O boi casado de animais castrados segue cotado em R\$9,30/kg.

A segunda quinzena gera redução do consumo em relação à primeira metade do mês, mas, no atacado e varejo de carne sem osso, os preços se mantiveram firmes esta semana, pelos estoques mais ajustados.

O dianteiro segue detendo os cortes com maior possibilidade de valorização, os quais puxaram a alta no atacado de carne bovina sem osso.

No mercado de reposição, as pastagens perdendo vigor em boa parte do país seguem limitando a demanda e ocasionando reduções pontuais de preços, especialmente para categorias mais jovens.

Cepea: precio medio de la carne bovina aumentó 22 por ciento en un año

21/08/15 - por Equipe BeefPoint A baixa oferta de animais para abate vai se confirmando nos altos patamares da carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo.

Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), a carcaça casada de boi registra média de R\$ 9,59/kg na parcial de agosto (até o dia 19), 22% superior à do mesmo período do ano passado (R\$ 7,86/kg), em termos nominais.

Pesquisadores do Cepea indicam que, nos últimos dias, especificamente, as cotações da carne bovina se enfraqueceram, em decorrência principalmente da típica retração da demanda na segunda quinzena do mês. Além disso, os preços elevados também limitam o consumo.

ABIEC: valor exportado retrocederá en 2015- Impacto de la desvalorización del rublo

Fonte: Portal DBO 20 de agosto de 2015 - Desvalorização do rublo afetou negócios, avalia o presidente da Abiec, Antonio Camardelli

As exportações brasileiras de carne bovina não devem repetir o desempenho alcançado no ano passado, projeta o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antonio Camardelli. O executivo concedeu a entrevista durante visita à DBO Editores na manhã de quarta-feira, 19.

“Havia uma expectativa de uma virada (nas exportações), também embasada no fato de que a Rússia vinha aumentando suas compras. Mas, diante dos recentes baques do rublo e dos resultados de julho, teremos muita dificuldade de repetir o desempenho do ano passado”, salientou Camardelli. Em 2014, o Brasil exportou 1,5 milhão de toneladas, com receita de US\$ 7,2 bilhões.



No acumulado dos primeiros sete meses de 2015, os embarques de carne bovina atingiram US\$ 3,2 bilhões em faturamento com a negociação de 770 mil toneladas de carne. Embora os embarques tenham crescido ao longo do ano, o resultado ainda é inferior ao mesmo período de 2014, com queda de 19% em faturamento e 15% em volume.

A expectativa também estava calcada na abertura de novos mercados. Enquanto a China vem ganhando espaço entre os principais compradores, com 11 mil toneladas de carne embarcadas ao país no mês de julho, o começo dos embarques aos Estados Unidos, esperado para agosto, ainda deve demorar para acontecer.

Camardelli, porém, salientou que continua otimista em relação ao acesso do produto brasileiro ao mercado norte-americano. “O Brasil já notificou os Estados Unidos e pode ser auditado em relação às equivalências de controles de bactérias. Acredito que não vai demorar muito.”

Em entrevista recente ao Portal DBO, o vice presidente de relações internacionais do CNPC, Sebastião Guedes, estimou que o processo ainda levará em torno de seis meses, devido à resistência do Congresso americano.

Ministra de Agricultura y su par alemán discuten tratado de libre comercio entre Mercosur y UE

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/08/15 A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, e o ministro federal de Alimentação e Agricultura da Alemanha, Christian Schmidt, alinharam nesta quinta-feira (20) suas posições em relação ao acordo de livre comércio entre Mercosul e União Europeia, que está em fase de negociação entre os blocos. A reunião dos dois ministros, que ocorreu na sede do Mapa, está no contexto da visita da chanceler alemã, Angela Merkel, ao Brasil.

Durante a reunião, a ministra afirmou que a Alemanha é um país “fundamental” na tomada de decisão sobre o acordo de livre comércio. Destacou que o governo brasileiro é “unânime” sobre a “importância e a força” que o país germânico dará à proposta. Schmidt, por sua vez, demonstrou ampla receptividade em estreitar as relações comerciais dos dois blocos.

Kátia Abreu prevê que, com a efetivação do tratado, as exportações do agronegócio brasileiro cresçam cerca de 20%. “Mas ainda se mantivéssemos apenas o que exportamos hoje, o que não vai ocorrer, teríamos o enorme benefício de acabar com os impostos. Hoje, temos tarifas muito altas nas exportações”, assinalou a ministra.

Schmidt disse que Mercosul e União Europeia devem estreitar suas relações comerciais e que a Alemanha pretende ser um parceiro “de igual para igual”. Ponderou que a competitividade entre determinados produtos é “natural”, mas destacou a importância de reduzir tarifas de exportações.

A ministra pediu apoio do governo alemão ao acordo sanitário e fitossanitário apresentado pelo Mapa durante visita à sede da União Europeia, em maio. Pela proposta, Brasil e países membros do bloco europeu vão harmonizar normas de defesa agropecuária, conferindo maior agilidade aos trâmites comerciais.

Em setembro, os comissários europeus para Saúde e para Comércio virão ao Brasil para desenhar o acordo. “Isso não vai influir em taxas. Continuaremos com as mesmas, mas significa que harmonizaremos procedimentos documentais para exportação e importações”, explicou Kátia Abreu.

Schmidt apoiou o pleito brasileiro e disse que levará o assunto ao Ministério da Alimentação e Agricultura da Alemanha e a autoridades da União Europeia.

Ao reduzir a burocracia e harmonizar regras, o acordo sanitário poderá contribuir com o amplo tratado de livre comércio, disse Kátia Abreu. “Podemos quem sabe partir para um prelisting”, acrescentou a ministra, apontando que carne, frutas, suco de laranja e café poderiam entrar em um eventual prelisting.

Kátia Abreu disse ainda ao ministro alemão que espera que a União Europeia reconheça os estados de Rondônia, Tocantins e o Distrito Federal como zonas livres de febre aftosa – reconhecimento obtido da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) há 12 anos. “Esses estados fizeram um esforço imenso para erradicar a doença anos atrás e até hoje não foram reconhecidos, estando impedidos de exportar carne para o bloco.”

Kátia Abreu e Christian Schmidt demonstraram empenho recíproco em dar prosseguimos a outras questões, como cooperação em pesquisa por meio da Embrapa, parcerias em laboratórios de saúde animal e rotulagem.

Esperan una recuperación en los precios después de caer al mínimo del año

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/08/15 - Os preços do boi gordo no Brasil atingiram as mínimas de 2015 e voltarão a subir até o fim do ano, aproximando-se novamente da máxima histórica registrada em abril, disseram especialistas, destacando a menor oferta de animais nesta época do ano em função do período seco no Brasil central.

As altas nas cotações, no entanto, deverão ser limitadas pela desaceleração do consumo de carne bovina no mercado doméstico.



“A gente deve estar muito perto de observar o fundo do poço para 2015. Daqui para a frente, os preços devem se fortalecer devido à menor disponibilidade de animais”, projetou a diretora da consultoria Agrifatto, Lygia Pimentel.

O preço da arroba do boi gordo no mercado paulista, referência para o mercado nacional, atingiu um recorde histórico de R\$ 150,65 em meados de abril, segundo o indicador Esalq/BM&FBovespa.

Desde então, os preços recuaram, acumulando queda de quase 8% ante máxima do ano, pressionados pelo menor consumo dos brasileiros e por uma oferta relativamente mais folgada de animais, após meses recentes de chuvas que ajudaram na manutenção dos pastos. A arroba atingiu R\$ 139,03 em 12 de agosto, menor valor do ano.

Com as pastagens exauridas pelo período sem chuvas do inverno, os pecuaristas estão finalizando o ciclo de oferta de animais aos frigoríficos. A partir de agora, a disponibilidade deve ser cada vez menor.

“As indústrias que possuem contratos a termo para receber gado em julho, agosto até setembro estão usando essa oferta para evitar entrar no mercado. Mas tem uma hora que essa oferta começa a ficar mais enxuta. Quando elas voltarem ao mercado, a chance de ocorrer valorização da arroba no mercado à vista é grande”, disse o analista da Informa Economics FNP, Aedson Pereira.

Segundo ele, os preços do boi gordo podem voltar, em setembro e outubro, para perto dos patamares de abril.

Na estimativa da Agrifatto, o preço médio da arroba bovina deve ser de R\$ 146 na média do segundo semestre, mas com grandes chances de fortes oscilações em função de ajustes de oferta e demanda –as compras da indústria podem ser estimuladas em alguns momentos pelos negócios de exportação.

A alta nos preços do boi nos próximos meses deverá ser limitada por um menor consumo de carne bovina no mercado interno, em um momento de inflação em alta e crescimento do desemprego.

O consumo médio de carne bovina no Brasil deverá cair para 36,5 kg por habitante em 2015, ante 41,5 kg em 2014, segundo projeção da Agrifatto.

“Está havendo uma substituição muito forte da carne bovina pelo frango”, afirmou Pimentel, citando uma proteína alternativa que está em média 65% mais barata atualmente.

ABIEC: Brasil será el primer productor mundial de carnes bovinas en los próximos cinco años

Fonte: SNA/RJ, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/08/15 Nos próximos cinco anos, o Brasil será o maior produtor de carne bovina do mundo, superando os Estados Unidos, que atualmente ocupam o primeiro lugar no ranking. A previsão é de Fernando Sampaio, diretor-executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

Segundo a entidade, o mercado nacional é responsável por 17% da produção total da carne bovina no planeta, e o norte-americano 19%. “Hoje, já somos os maiores exportadores do produto, mas podemos superar os EUA até 2020, no que diz respeito à atividade produtiva”.

Outra nação que poderia fazer frente ao Brasil neste setor seria a Austrália, mas “este país tem limitações de água, enquanto os EUA não têm muito para crescer porque, mesmo exportando muito, eles consomem mais que produzem”.

Um dos fatores que deve favorecer o País é a utilização da tecnologia pela bovinocultura. “A pecuária está ocupando cada vez menos espaço físico no campo, sem perder a produtividade. Mas nossa base ainda é o pasto, porque sai mais barato. Na produção norte-americana, por exemplo, o bezerro sai da vaca direto para o confinamento”.

Uma estimativa divulgada recentemente pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) aponta que o Valor Bruto da Produção de carne bovina deve chegar ao fim de 2015 com algo em torno de R\$ 93 bilhões, correspondendo a um aumento de 19,23 % sobre os R\$ 78 bilhões do VBP no ano passado. Para a Abiec, o VBP deve ser ainda maior, pois, segundo Sampaio, a entidade leva em conta toda a cadeia produtiva da carne bovina, que inclui não só a produção em si, mas aquilo que sai do campo, passa pelo setor agroindustrial até chegar à produção de artigos para consumo com diversas finalidades, como o sebo e o couro.

“Acreditamos que toda a cadeia da bovinocultura fechará 2015 com uma movimentação que deve passar os R\$ 380 bilhões (último cálculo da Associação referente a 2014).”

“A produção de carne é um dos itens da balança comercial que mais tem crescido, dentro do agronegócio brasileiro”, resume Sampaio, destacando outros dados da Abiec: somente em 2014, o Brasil vendeu carne bovina in natura para 151 países e industrializada para 103 nações.

Ele atribui a evolução do setor ao fato de o País ter expandido as negociações externas, nas últimas décadas. “Até 2007, nosso maior importador era a União Europeia, que até então sempre foi nosso maior mercado. De 2002 a 2012, a Rússia passou a ser nosso comprador mais importante. Na sequência, Hong Kong superou a UE e a Rússia”, informa o diretor da Abiec.

Agora, diz Sampaio, a expectativa é de que a China se fixe de vez como o maior comprador da carne bovina brasileira. “Com as recentes reabilitações de novas plantas frigoríficas por parte dos chineses, em



45 dias – do final de junho e durante todo o mês de julho – exportamos 15 mil toneladas para aquele país asiático. Isto significa que a tendência é só de crescimento”, acredita.

O diretor também cita um conjunto formado pelo Oriente Médio – com destaque para Arábia Saudita, Argélia, Egito, Irã e Líbano -, que também colaborou para o salto de crescimento da bovinocultura brasileira, em quase 15 anos.

“Alguns fatores favoreceram o Brasil, como o nosso status sanitário. Hoje, apenas os Estados de Amapá, Roraima e Amazonas – este último não tem bois – não são livres de febre aftosa.”

Sampaio ainda avalia que a estabilização da economia também ajudou bastante, “porque antes o criador de gado mantinha seus bois quase como uma reserva de valor, caso precisasse vender; hoje, ele sabe que o setor passou a ser uma atividade produtiva bem lucrativa”.

Oferta ganadera del estado de Mato Grosso se recuperaría recién a partir de 2017

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/08/15 - Com nove frigoríficos de bovinos fechados desde o ano passado, o Estado de Mato Grosso só deve apresentar recuperação consistente da oferta de boi gordo a partir de 2017 ou até mesmo 2018, avalia o superintendente do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), Otávio Celidonio. Com 15% dos abates, Mato Grosso tem o maior rebanho e é o principal produtor de carne do Brasil. Pelas estimativas do instituto, que é vinculado à Federação de Agricultura Pecuária de Mato Grosso (Famato), os abates de gado bovino produzido no Estado recuaram 16,1% no primeiro semestre, totalizando 2,2 milhões de cabeças. No atual ritmo, os abates em 2015 chegariam a 4,5 milhões de cabeças, queda de mais de 20% na comparação com os 5,5 de milhões animais abatidos em 2014, projeta.

Na avaliação do superintendente do Imea, a menor oferta de gado em Mato Grosso – e também no país – é um resultado natural do ciclo da pecuária. Ele explica que, entre os anos de 2012 e 2013, os preços do bezerro estavam mais baixos, desestimulando a criação e acelerando o descarte de vacas para o abate. Tanto que, há dois anos, os abates em Mato Grosso bateram o recorde de 6 milhões de cabeças.

Como consequência do ciclo de descarte de fêmeas, o momento seguinte, já a partir do ano passado, foi de forte alta dos preços do bezerro. No semana passada, o preço médio do bezerro estava em R\$ 1,210 mil por cabeça, valorização de 23,9% sobre um ano atrás. Com isso, a retenção de vacas para a criação de bezerros é estimulada, movimento que acaba reduzindo a oferta de bovinos.

Segundo Celidonio, a queda dos abates ficou acima das expectativas. A questão é que, além da redução que resulta do ciclo da pecuária, há uma pressão adicional. Como os preços do boi magro estão altos, os confinamentos (engorda sob sistema intensivo) serão menores neste ano, avalia ele.

Conforme estimativa do Imea, bovinos engordados nesse sistema somarão 620 mil neste ano em Mato Grosso, queda de 2,52% ante os 636 mil animais do ano passado. No Estado, a região médio-norte é a mais afetada, justamente pela maior presença de pecuaristas que precisam comprar boi magro para o sistema de confinamento, afirma Celidonio.

Nesse cenário de menor oferta, o nível de utilização de capacidade dos frigoríficos de Mato Grosso está abaixo da média histórica calculada pelo Imea, que é de 84%. Neste ano, porém, a taxa de utilização média é de cerca de 75%, o que implica ociosidade de ao menos 15%.

Essa ociosidade seria ainda maior se os frigoríficos instalados no Estado não tivessem fechado unidades. No primeiro semestre, sete deixaram de operar. Desde o ano passado, foram fechadas nove de um total de 31 que estavam em funcionamento. Considerando todo o parque industrial de Mato Grosso, inclusive as plantas que já estavam sem operar antes de 2014, o Estado tem ao todo 39 unidades.

Para Celidonio, o parque industrial de Mato Grosso está superestimado. Ao todo, as 39 unidades têm capacidade para abater 11 milhões de bovinos por ano. O máximo abatido em um ano no Estado foi 6 milhões de cabeças. “Sempre houve muito mais frigorífico do que o necessário”, afirma. Se todas os frigoríficos com Serviço de Inspeção Federal (SIF) estivessem funcionando, a ociosidade média seria de 60% neste ano.

Equidad en tratamiento impositivo: entrará en vigor en el sector frigorífico de Mato Grosso el 01/09

21/08/15 - por Equipe BeefPoint A isonomia para o setor frigorífico pecuário em Mato Grosso entra em vigor no dia 1º de setembro. A reformulação do tratamento tributário para o segmento consta no Decreto nº 231, de 19 de agosto, publicado no Diário Oficial do Estado que circula nesta quinta-feira (19).

A garantia de isonomia ao setor frigorífico e alterações da alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) incidente sobre as vendas interestaduais para o segmento foi anunciada no início do mês de agosto pelo Governo de Mato Grosso.

As indústrias frigoríficas terão carga tributária linear de 2% até o final de 2015, período em que o governo vai avaliar o comportamento do mercado. A alíquota para boi em pé continua sendo de 7%.

O secretário de Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso, Seneri Paludo, destacou que a unificação da alíquota aos frigoríficos visa promover isonomia ao setor e assim possibilitar a competitividade



igualitária, tanto dentro do estado quanto em relação às plantas de outras unidades da federação, além de promover segurança para novos investimentos.

AFTOSA

Mato Grosso projecta dejar de vacunar en 2018

19/08/15 - por Equipe BeefPoint O governo de Mato Grosso planeja conquistar para o estado o status de livre de febre aftosa sem vacinação até o ano de 2018, quando se encerra o atual mandato da administração estadual. A intenção foi manifestada pelo vice-governador mato-grossense, Carlos Fávaro, durante participação em uma exposição agropecuária.

“O Governo do Estado trabalha em conjunto com a iniciativa privada para que, até o fim desta gestão (2018), Mato Grosso obtenha o reconhecimento de zona livre da febre aftosa sem vacinação”, disse ele, segundo nota divulgada pelo seu gabinete.

Ainda conforme a nota, Favaro garantiu que a estrutura de defesa agropecuária do estado passará por melhorias. De acordo com o vice-governador, por meio do Instituto de Defesa do Estado (Indea), a fiscalização será reforçada, especialmente nas áreas de divisa do território mato-grossense.

Em 2014, a campanha de vacinação contra a febre aftosa em Mato Grosso imunizou 99,68% do rebanho.

Justicia Federal suspende la medida que prohibía fabricar vacunas contra la aftosa

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/08/15 - O Tribunal Regional Federal da 1ª Região, com sede em Brasília, suspendeu a decisão da 6ª Vara da Seção Judiciária do Distrito Federal que restringia o número de laboratórios habilitados a produzir vacinas contra a febre aftosa no país. A medida atende a recurso apresentado à Justiça pela Advocacia-Geral da União (AGU), a pedido do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Com isso, outros laboratórios instalados no Brasil poderão voltar a fabricar o produto.

“A medida garante o abastecimento de vacinas contra a febre aftosa para as campanhas de novembro deste ano e de 2016”, disse o consultor jurídico do Mapa, Roger Leal, ao destacar a importância da decisão favorável à União.

Segundo a Secretaria de Defesa Agropecuária, os laboratórios que estavam impedidos de fabricar o produto são responsáveis por cerca de 60% da produção brasileira de vacinas contra aftosa. A demanda anual do país está em torno de 340 milhões de doses. No primeiro semestre de 2015, foram aprovadas pelo Mapa aproximadamente 108 milhões de doses.

A produção de vacinas contra aftosa no país estava limitada por causa de ação ajuizada por um laboratório no primeiro semestre deste ano. A empresa recorreu à Justiça contra uma instrução normativa do Mapa que deu prazo de 12 meses, prorrogável por mais um ano, para que todos os laboratórios do setor pudessem se adequar às normas de produção de vacinas estabelecidas pelo governo em 2012. A alegação do laboratório era a de que cumpria todas as exigências do Mapa, o que o levou a ajuizar a ação contra a instrução normativa, editada em abril deste ano.

No entanto, o Mapa entendeu que isso poderia representar risco ao abastecimento de vacinas contra a aftosa no país e à sanidade do rebanho bovino. Em razão disso, atuou junto à AGU para que fosse apresentado recurso contra a decisão da 6ª Vara de Seção Judiciária do DF. O Tribunal Regional Federal da 1ª Regional concordou com os argumentos apresentados pela AGU e pelo Mapa.

Campaña de inmunización habría cubierto el 98 % del rodeo: 164.7 millones de cabezas

Fonte: Portal DBO 19 de agosto de 2015 Foram vacinados 164,7 milhões de bovinos e bubalinos na segunda etapa da campanha contra febre aftosa

O índice de cobertura na primeira etapa da campanha nacional de vacinação contra aftosa atingiu 98,04%. Foram vacinados 164,7 milhões de bovinos e bubalinos, de um total previsto de 168 milhões de cabeças. O resultado foi superior ao do mesmo período do ano passado, quando foram imunizados 164 milhões de cabeças, com índice de vacinação de 97,63%.

Os dados foram divulgados pelo Ministério da Agricultura (Mapa) nesta quarta-feira, 19, que considerou o resultado satisfatório. A pasta informou que os 3 milhões de animais que não foram imunizados estão sendo vacinados.

Rondônia teve o melhor índice de vacinação, com 99,96% dos bovídeos imunizados (5 milhões de cabeças), seguido de Mato Grosso, com 99,82% (12 milhões de cabeças), e de Goiás, com 99,72% (21 milhões de cabeças).

A primeira etapa da campanha nacional de vacinação começou em março nos municípios de Faro e Terra Santa, no Pará, e terminou em junho, no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

No Acre, Espírito Santo, Mato Grosso, Paraná, Rondônia e São Paulo foram vacinados apenas bovinos e bubalinos com até 24 meses. A vacinação não ocorreu no Amapá (AP), que tem o procedimento realizado



somente uma vez ao ano, no segundo semestre, e em Santa Catarina (SC), zona livre de febre aftosa sem vacinação.

Segunda etapa - A segunda etapa de imunização teve início em julho deste ano em algumas regiões do Amazonas, do Pará e de Tocantins. A maior parte desta fase será realizada em novembro e a previsão é que seja concluída em 15 de dezembro, no Pantanal.

CNPC debatirá sobre la posibilidad de dejar de vacunar contra la aftosa en Brasil

18 de agosto de 2015 - 14:08 O Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC) planeja para outubro a realização de uma grande discussão sobre a retirada da vacinação contra a febre aftosa no Brasil. A intenção é estabelecer prazos e elencar necessidades para que isso ocorra.

Devem participar representantes dos estados da região Sul, alguns estados do Sudeste, também Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além de representantes do Paraguai e da Bolívia.

"Queremos definir uma cronologia do que é necessário fazer de investimentos complementares em termos de defesa sanitária para evoluirmos neste sentido, já que não há circulação viral no País", afirma o vice-presidente de relações internacionais do CNPC, Sebastião Guedes.

Ele afirma que os estados da Região Sul têm a intenção de retirar a vacina conjuntamente. Além disso, há interesse que São Paulo participe do processo. "Eu acho importante focarmos regionalmente. Nossa prioridade é São Paulo, onde há mais pressões. E isso envolve também Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul."

Para Guedes, o avanço em bloco seria um formato sólido para a mudança de status no Brasil. "Ou, pelo menos, ampliar o intervalo entre a aplicação de doses da vacina nos animais adultos. Este é o caminho, um País sem aftosa. E o ideal é que seja livre sem vacinação. Isso trará redução dos investimentos por parte do produtor e o maior acesso dos nossos produtos no mercado internacional."

A intenção de uma retirada da vacinação em bloco vai de encontro ao desejo do Ministério da Agricultura que, recentemente, se manifestou contrário ao interesse do Paraná, que se mobiliza para retirar a vacinação contra a doença no Estado.

Toda essa preparação tem como objetivo permitir que o Brasil atenda ao que estabelece o Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA), que coloca 2020 como meta para que todo o continente esteja livre da doença. No Brasil, a meta do governo é que o país seja livre da doença com vacinação até o final deste ano, para então buscar o reconhecimento internacional.

"O Brasil é um país que está em uma posição muito conservadora. Nós temos de evoluir. Não é possível que um país com 214 milhões de bovinos e bubalinos tenha somente 3,8 milhões de animais em área livre sem vacinação", observa Guedes.

Abrafrigo considera que los últimos cierres de plantas equilibraron el mercado y que no se producirán más

20/08/15 - por Equipe BeefPoint A Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) considera que o ajuste produtivo feito pelo setor nos últimos meses equilibrou oferta e demanda por carne bovina no País, de modo que a indústria não deve fechar mais unidades industriais este ano.

O presidente da instituição, Péricles Salazar, defendeu que os preços atuais da arroba estão em patamares "bastante razoáveis" para o produtor.

"Acredito que novos fechamentos não vão ocorrer. O mercado já se equilibrou e a indústria consegue respirar (em termos de margens), o que não acontecia antes. Nos últimos meses, houve uma crise aguda de excesso de oferta de carne no mercado, causada por abates elevados e queda na exportação. Com isso, muitas plantas foram fechadas e a indústria reduziu sua produção. Cada empresa, pensando em si mesma, contribuiu para isso e o mercado se ajustou automaticamente".

Quando questionado se os preços do gado podem subir na entressafra deste ano, ele disse que é difícil fazer previsões "pois são múltiplas as variáveis que influenciam a oferta e a demanda agregada no mercado, mas acredito que os preços da arroba se manterão de razoáveis a bons para o produtor. Prevejo um certo grau de estabilidade, dentro dos níveis atuais, até porque uma valorização excessiva do boi pode comprometer o consumo interno e as exportações".

Questionado se a arroba está favorável ao produtor, ele disse: "Defendemos uma lucratividade boa para o pecuarista. Ele precisa ser rentável para que mantenha suas matrizes no campo, produza bezerros e aumente o rebanho bovino brasileiro. Caso contrário, desiste da atividade e a indústria não terá matéria-prima para trabalhar. Mas, neste momento, os preços pagos aos pecuaristas são bastante razoáveis para mantê-los na atividade e aumentar a produção".



CNA y Entidades debatirán cambios en el Sisbov (sistema de identificación y trazabilidad del ganado)

Fonte: CNA, adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/08/15 “O Sisbov atual reúne informações de bovinos e bubalinos exclusivamente destinados ao mercado da União Europeia, a chamada lista de TRACES. Estamos trabalhando para construir um novo Sisbov, que será unicamente o sistema oficial de identificação individual de bovinos e búfalos, apenas brinco na orelha dos animais, sem regras ou penalidades. As regras para exportação à União Europeia fariam parte de um protocolo e este protocolo sim, exigiria o novo SISBOV como uma das suas regras”, explica Juliano Leonidas Hoffmann, Coordenador dos Protocolos de Rastreabilidade da da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

O atual Sisbov – Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Bovinos e Bubalinos – é de responsabilidade do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e tem a Base Nacional de Dados (BND) como fonte de informações. Já a nova proposta do SISBOV + Protocolo União Europeia tem como base a Plataforma de Gestão Agropecuária (PGA), principalmente o controle de trânsito por meio da Guia de Trânsito Animal eletrônica (e-GTA) e a solicitação dos elementos de identificação com número ISO país.

Para tratar sobre os ajustes a serem realizados no atual Sisbov e seus impactos, dirigentes do setor reuniram-se na Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em Brasília, nesta quinta-feira, 13 de agosto. Participaram da reunião: representantes da CNA, MAPA, ABIEC, Abrafrigo, FAMATO, FAMA SUL, FAEG, FAEP, FAESC, FAESP, FAEMG e FARSUL.

Na ocasião, a CNA apresentou as iniciativas que estão sendo planejadas para a gestão de protocolos de rastreabilidade de adesão voluntária.

Desde 2008, quando houve a crise das exportações para a União Europeia, o Brasil trabalha para resgatar os volumes/ganhos da época e atender às exigências do mercado da União Europeia. Em 2009, foi publicada a Lei 12.097 que estabelece a rastreabilidade de bovinos no Brasil baseada na marca fogo de identificação do estabelecimento rural, guia de trânsito animal (GTA), nota fiscal, registros oficiais dos serviços de inspeção e registros de animais e produtos efetuados no setor privado, a qual não lista a identificação individual dos animais como um item obrigatório de rastreabilidade no país.

Também em 2009, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) firmam um acordo de cooperação e um plano de trabalho para a criação da Plataforma de Gestão Agropecuária (PGA), com o objetivo de simplificar as regras e permitir acesso, sem intermediários, à rastreabilidade exigida pelos melhores mercados compradores. Na PGA, o setor produtivo brasileiro tem uma ferramenta de credibilidade e transparência, tornando claras as regras entre quem produz, quem compra e quem fiscaliza (MAPA).

Em 2011, o Decreto 7.623 o qual regulamentou a Lei nº 12.097/2009 e instituiu Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA como gestora de protocolos de rastreabilidade de adesão voluntária, conforme previsto no § 1º do art. 4º da Lei nº 12.097, de 2009. Esta é a base legal da atual proposta, de desmembrar a identificação individual de qualquer regra, colocando todas as exigências em formato de protocolos de adesão voluntária por parte do produtor rural.

URUGUAY

Precios del ganado gordo ajustan a la baja. La industria presiona los valores

Agosto 21, 2015 Continúa la disparidad de precios y entradas de ganado a faena; algunas plantas tienen hacienda comprada hasta que partan las cuadrillas israelíes y no pasan precios

Parte de la industria frigorífica que está mejor posicionada sigue presionando hacia abajo los valores del ganado gordo, sin que exista hasta ahora un incremento relevante de la oferta. Asimismo, hay productores que esperan y no venden apoyados en una mejor situación forrajera. Por ello se torna difícil "juntar las puntas" entre compradores y vendedores, dijeron consignatarios.

Se mantiene la disparidad de precios y entradas entre plantas, además algunas no pasan precio y ya están compradas hasta que se vayan las cuadrillas israelíes kosher, es decir, hasta los primeros días de setiembre.

Los novillos que pueden colocarse pronto pueden lograr entre US\$ 3,75 y US\$ 3,80/kg, pero se manejan US\$ 3,55-US\$ 3,60 para los que tienen entrada a planta a principios de setiembre. En vacas se da un comportamiento similar. Las que tienen entradas cortas alcanzan de US\$ 3,35 a US\$ 3,40 y pueden ir de US\$ 3,20 a US\$ 3,25 para vacas que entran en los primeros días del mes que viene. En corderos se pueden concretar operaciones entre US\$ 3,70 y algunos centavos más de US\$ 3,80.

Por primera vez desde abril la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) ajustó a la baja las referencias en el ganado vacuno. El novillo lo ajustó cuatro centavos a la baja hasta US\$ 3,77 el kilo a la carne. En vacas la referencia de precio bajó de US\$ 3,39 a US\$ 3,36 por kilo. La ACG mantuvo la



referencia para el cordero en US\$ 3,72 por kilo y aumentó en dos centavos para el cordero pesado y el borrego a US\$ 3,80 y US\$ 3,70 por kilo, respectivamente. Para el capón y la oveja se reiteraron valores de US\$ 3,29 y US\$ 3,09 por kilo.

El mercado de la reposición se mantiene firme con una baja oferta y una buena demanda. En el remate de Lote 21 del martes 18 todas las categorías vieron aumentos de precio. Los terneros generales promediaron en US\$ 2,26, 16 centavos más que en el remate anterior (21 de julio) y tres más comparado al llevado a cabo en el mismo momento de 2014. La participación de los exportadores en pie en las pantallas no es muy activa dado el contexto de firmeza en precios, pero siguen operando. Además, algunos exportadores ya tienen bastante ganado comprado, lo que les permite aflojar en la presión compradora.

El lunes 17 Frigorífico Carrasco volvió a operar tras varias semanas sin actividad por un conflicto por el despido de un delegado sindical. La semana que terminó el 15 de agosto la faena volvió a ubicarse por encima de las 40.000 reses, tras dos semanas con faenas de 34.000 a 38.000 cabezas.

Se faenaron 42.371 bovinos, 24% más que en la semana anterior y 16% por encima de igual período de un año atrás. Los novillos representaron más de la mitad. Según INAC, se faenaron 21.365, un 16% más en la comparación interanual. En tanto, la participación de las vacas en el total fue de 47,3%, con 20.041 animales.

En ovinos el ajuste fue a la baja en la faena. Cayó 27% respecto a la semana anterior, a 7.406 cabezas. La cifra fue 53% inferior respecto a igual semana de 2014. La faena de corderos fue de 4.058 cabezas concentrando el 55% del total, 10 puntos menos que la semana anterior. La participación de las ovejas creció en ocho puntos, a 38%, con la faena de 2.820 cabezas.

A diferencia de ACG, los precios INAC para la semana del 15 de agosto siguieron subiendo, aunque levemente. El índice para el kilo de novillo subió de US\$ 3,858 a US\$ 3,861 con un alza interanual de 4,9%. El kilo de vaca INAC pasó de US\$ 3,398 a US\$ 3,404 por kilo, valor 2,9% mayor respecto a igual semana de 2014. El precio INAC del cordero aumentó de US\$ 3,930 a US\$ 3,951 por kilo. De esa manera, quedó 4,8% por debajo al de igual período del 2014.

Los ingresos por exportación tuvieron un pequeño ajuste bajista en la semana. La cotización semanal de la tonelada de carne bovina fue de US\$ 3.784, cuando en la anterior alcanzó US\$ 3.980. De todas formas, el promedio de las últimas cuatro semanas móviles siguió aumentando y alcanzó los US\$ 3.841 por tonelada. Con ello acortó la brecha interanual de -6,4% a -4,5%. En carne ovina el precio FOB no se mantuvo arriba de US\$ 5.000 (lo cual hubiera sido la quinta semana consecutiva), pero se mantuvo cerca. Pasó de US\$ 5.360 a US\$ 4.707 por tonelada. El promedio de cuatro semanas descendió de US\$ 5.259 a US\$ 5.007 y continuó siendo mayor comparado al mismo momento del año pasado, un 8,6%.

Adecuación de precios de las haciendas para faena. Crecidas de pasos impiden que se carguen los ganados que ya fueron vendidos

18/08/15 El mercado de haciendas para faena está en un momento de adecuación. La industria frigorífica propone menores precios y además se suman las dificultades para cargar el ganado por las lluvias. De esta forma, la oferta que llega a las plantas frigoríficas es insuficiente y se presenta un mercado para los ganados disponibles y otro para los "cargables", comentó a El Observador el consignatario Alejandro Zambrano, director de Zambrano & Cía.

Los precios de referencia al comienzo de la semana se ubican entre US\$ 3,60 y US\$ 3,70 por kilo en cuarta balanza para los novillos, en tanto las vacas cotizan entre US\$ 3,30 y US\$ 3,40 por kilo, indicó el intermediario. Las cotizaciones máximas se invierten por las mejores vacas, tanto por su terminación como por la distancia de la planta frigorífica.

Algunas industrias no están comprando ganado y se mantienen operativas con las haciendas adquiridas en semanas anteriores. Además, los productores también están en una posición de cautela, esperando que mermen las precipitaciones y salga el sol. La abundancia de lluvias generó dificultades en los embarques porque varios pasos se cortaron y los caminos no están en condiciones.

Por otra parte, los equipos kosher transitan las últimas semanas de faena en Uruguay y está previsto que dejen el país en los primeros días de setiembre, cuando se termina el calendario de faena estipulado en la religión judía.

Durante la semana pasada se faenaron 42.371 vacunos y el frigorífico que tuvo mayor actividad fue Canelones SA, que procesó 3.996 cabezas, según datos publicados ayer por el Instituto Nacional de Carnes (INAC). La segunda planta que más vacunos faenó fue Las Piedras (3.615 cabezas) y la tercera Breedings and Packers Uruguay o BPU (3.445).

En lo que va del mes de agosto se van procesando 77.268 vacunos, y el frigorífico más activo es Canelones. El acumulado anual marca que se faenaron 1.388.419 vacunos y la planta que encabeza el registro es BPU.



Gremial avícola denuncia que 25% del pollo consumido es de contrabando Uno de cada cuatro pollos que se venden carece de control sanitario

Agosto 19, 2015 05:00

Constatan siete marcas de pollos de origen brasileño de contrabando

La Cámara Uruguaya de Procesadoras Avícolas (Cupra) denunció que uno de cada cuatro pollos que se consume en el país es de contrabando y de origen brasileño, lo que representa US\$ 40 millones por año, informaron a El Observador fuentes de la gremial.

El 26% de pollos de contrabando representa 19,5 millones de kilos, sobre un total de 75 millones de kilos que consumen al año los uruguayos.

Por otra parte, el kilo de pollo tiene un precio de US\$ 2 en el mercado, por lo que ese volumen representa cerca de US\$ 40 millones al año que se pierden en el comercio legal. El pollo de contrabando se vende \$ 15 más barato por kilo que el pollo nacional, entre otras cosas porque no paga el IVA.

El pollo que ingresa de contrabando lo hace en condiciones sanitarias irregulares, ya que entra por la frontera en camiones no refrigerados, en taxis y en motos.

Cupra contrató a una empresa consultora que recorrió los departamentos fronterizos y otros, y estableció mediante actas notariales, filmaciones y otros procedimientos, que la venta de pollos de contrabando es generalizada en los comercios de la zona auditada, con la excepción de las grandes superficies.

La investigación se realizó con anterioridad a la reimplantación del IVA que encareció el precio de venta al público. La caída en las ventas experimentada en los últimos meses lesiona las empresas, disminuye la producción y la ocupación, incluyendo un deterioro en la labor de más de 300 productores familiares que crían pollos a fañón y ocupan a más de 1.000 personas, afirman.

General Impositiva (DGI), Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) e Instituto Nacional de Carnes (INAC). Como consecuencia de ello, el director general de Aduanas, Enrique Canon, recibirá mañana a Cupra.

Según los denunciantes, no es un "contrabando hormiga". Es una actividad comercial organizada, de gran volumen y con abastecimiento permanente que supera a cualquiera de las más importantes empresas formales del país.

BPU destaca la primera faena ritual humanitaria en Uruguay, desarrollada «respetando el bienestar animal»

Publicado el: 15 agosto, 2015 Fuente: www.elacontecer.com

URUGUAY : Según lo documenta un comunicado emitido por BPU, el frigorífico inglés ubicado en Durazno, se realizó la primera faena ritual humanitaria en nuestro país respetando los altos estándares de bienestar animal

«Bajo los lineamientos de Temple Grandin, la propuesta de faena ritual humanitaria de BPU fue diseñada para asegurar el bienestar del animal, ofrecer un producto de mejor calidad, dar seguridad al trabajador, manteniendo la eficiencia de producción», indicó el gerente de planta de Breeders and Packers Uruguay (BPU), Juan Carlos Jones.

Según se explica, la planta fue diseñada y construida con objetivos éticos y de máximo bienestar para trabajadores y animales, siguiendo los lineamientos de Temple Grandin. «Se busca cuidar el bienestar de los animales desde su descarga en la planta, estadía en corrales y posterior faena. Sumando a esto, la certificación en los establecimientos agropecuarios, que tiene dentro de sus objetivos principales el bienestar animal.»

Siguiendo estas exigencias, el equipo de BPU se planteó en el 2014 la meta de hacer en su planta faenas rituales humanitarias, para lo cual era necesario desarrollar métodos de sujeción del animal acordes a esa necesidad. «Nuestro objetivo fue armar una propuesta que cumpliera con 4 aspectos importantes: brindar las máximas garantías de bienestar animal, mejorar la calidad del producto, otorgar bienestar y seguridad al trabajador y mantener una eficiencia en la producción», precisó Jones.

Diseño respetuoso

Para cumplir con el objetivo, el equipo de BPU, junto con la empresa Otersin S. A., trabajó en el diseño y planificación de lo que sería la primera faena Kosher Humanitaria en Uruguay, con el animal parado en su posición normal.

Este proceso incluyó la visita de Temple Grandin en octubre de 2014.

¿Quién es Temple Grandin? Es una zoóloga, etóloga y profesora de la Universidad Estatal de Colorado, doctorada en ciencia animal en la Universidad de Illinois, catalogada como defensora del bienestar de los animales. Dada su condición de autismo, que le permite interpretar el comportamiento animal, es que ha diseñado y reformado corrales, tubos, cepos y plantas frigoríficas en todo el mundo, incluida la de BPU en Durazno.

Así se diseñó y desarrolló un cajón especial para la faena ritual humanitaria con tecnología 100 % nacional y con lineamientos y consejos de Temple Grandin. «Si bien otros sistemas ya utilizados para este tipo de faenas rituales han logrado mejorar el bienestar del trabajador, no han sido tan efectivos en la



eficiencia de producción y en la calidad del producto respetando el bienestar animal; este sistema es el que menos estrés genera en el animal», aseguró Jones.

Con el nuevo sistema implementado, la calidad de la carne mejora notablemente: tiene aceptables niveles de PH, disminuye considerablemente la aparición de petequias y no afecta al color de la carne, lo cual demuestra que se minimiza el estrés del animal durante la faena ritual.

Desde julio

Luego de este proceso, durante el mes de julio del presente año, se realizó en BPU la primera faena ritual humanitaria Kosher, lo que marca un hecho histórico, pues constituye la primera realización en Uruguay de una faena ritual con un método de sujeción que mantiene el animal parado, a través de tecnología 100 % uruguaya.

En BPU para la faena ritual humanitaria Kosher o HALAL «hemos aplicado a los cajones operados neumáticamente un diseño que permite la inmovilización y correcta posición del cuello del animal a los efectos de permitir la faena ritual con total seguridad para el Rabino y el personal de BPU, que llevan a cabo la tarea, y evitando el sufrimiento del animal».

Los rabinos que desde el mes de julio trabajan en la planta ubicada en Ruta 14 se han mostrado conformes con la faena, al punto que luego de una semana de prueba ya se comenzó con la máxima capacidad operativa. «En la actualidad, en BPU la faena ritual no implica un cambio en el ritmo de producción, manteniendo además las faenas tradicionales», agrega el comunicado remitido a El Acontecer

UNIÃO EUROPEA

UE sus consumidores optan por cortes bovinos más baratos

Fonte: <http://www.globalmeatnews.com>, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/08/15 Os consumidores dos países da União Europeia (UE) – França, Reino Unido, Alemanha, Espanha e Itália – estão preferindo cortes mais baratos de carne bovina do que os cortes premium.

Os dados publicados pela organização do setor de carnes do Reino Unido, AHDB Beef & Lamb, usando dados do Kantar Worldpanel, que são baseados em pesquisas com famílias, disseram que tem havido uma continuação no declínio das compras familiares de cortes premium de carne bovina. Entretanto, o mercado de carne moída, que inclui hambúrgueres e a carne moída mesmo, continua forte.

No Reino Unido, as compras das famílias de carne bovina fresca declinaram marginalmente nos primeiros cinco meses de 2015. O mercado para hambúrgueres e assados continua se recuperando após o escândalo da carne de cavalo em 2013, com os volumes aumentando em 6% entre janeiro a maio de 2015, comparado com o ano anterior. As promoções e a maior compra em lojas que fazem descontos são agora fatores muito importantes quando se fala de compras de carnes.

A França, maior mercado de carne bovina da UE, viu um declínio nas compras de cortes de carne bovina (excluindo a carne moída) em 2015. Os volumes caíram em -4% em janeiro a maio de 2015 e declinou em quantidades similares em cada um dos quatro anos anteriores. Os orçamentos dos consumidores permanecem sob pressão e, assim, os gastos caíram em -5%, com um declínio de -1% no preço médio.

A carne bovina moída congelada, que inclui hambúrgueres e steak hachée, aumentou em mais de 1% em volumes de compras no ano até maio. Isso foi similar ao aumento registrado no ano passado como um todo, quando o mercado estava se recuperando do escândalo da carne de cavalo. As compras totais de carne moída em janeiro a maio de 2015 aumentaram em 4%.

Na Itália, não há dados de 2015, mas os relatórios de mercado indicam que a demanda por carne bovina continua fraca. Os volumes de compras aumentaram em 2% em 2014, mas isso deve ser visto no contexto de quedas nos volumes nos cinco anos anteriores. Os consumidores continuam focando em cortes mais baratos e carne bovina importada com menor preço e, como em outros estados membros, estão mirando cortes em promoção.

Na Espanha, os volumes de compras continuaram declinando nos primeiros cinco meses de 2015, em 2%. Entretanto, isso é uma melhora, à medida que entre 2009 e 2014, a taxa anual de declínio ficou em média em quase 5%. Há indicações de que a recuperação na economia da Espanha está ganhando impulso, o que eventualmente forneceria algum suporte ao mercado de carne bovina.

A demanda por carne bovina na Alemanha começou a aumentar na segunda metade de 2014 e ganhou certo impulso nos primeiros cinco meses de 2015. As compras aumentaram em quase 1% no ano passado como um todo, com mais crescimento de quase 5% registrado nos primeiros cinco meses de 2015. O mercado foi ajudado por certo aumento na economia alemã e os preços varejistas da carne bovina caíram com relação ao ano anterior. Nos primeiros seis meses de 2014 e em 2013 e 2012, os volumes de compras foram menores que no ano anterior.



IRLANDA: exportaciones hacia EE.UU. muy por debajo de lo esperado.

Irish beef exports to the US were worth just €194,000 for the first six months of 2015, well short of the Government's €100 million target by the end of the year.

Figures from the Central Statistics Office (CSO) reveal that only 31 tonnes of beef has been shipped to the US since the much-publicised lifting of the ban in January.

At the time, Minister for Agriculture Simon Coveney predicted the US could take up to 20,000 tonnes of Irish beef, worth €100 million, this year and more in subsequent years.

Report suggests Britain may seek cheaper supplier after leaving EU Ireland's meat industry has most to lose from a Brexit scenario

Minister for Health Simon Coveney, who has said there was no risk to human health. Photograph: Eric Luke BSE case should not limit Irish beef trade, says expert

"Improving profitability at farm level will be key to a strong future for the livestock sector," says IFA president Eddie Downey. Photograph: David Sleator/The Irish Times 40% of beef farms to expand according to AIB report

The figures will come as a disappointment to the industry, which had been hoping to take advantage of historically high US beef prices and a growing demand for hormone-free, grass-fed beef.

The Republic remains the only EU state to be granted access to the US market since the BSE-inspired embargo of the late 1990s, affording the industry here a first-mover advantage on European rivals.

However, experts believe the trade will not take off until the current licence is widened to include mince, known in the trade as manufactured beef, which is driven by demand from the burger industry.

Currently, the deal forged between Dublin and Washington is only for high-value steak cuts, such as fillet, rib-eye and sirloin, which represent a small portion of the US import market.

Bord Bia's beef market specialist Joe Burke acknowledged the figures were weaker than those predicted at the start of the year, suggesting they reflect the "high returns" currently available in Europe. This may have acted as a disincentive for exporters to seek markets elsewhere, he said.

Trade with the UK, the State's biggest beef export market, has risen this year despite a slowdown in output, with exporters benefiting from the relative weakness of the euro.

Exports to Britain

The State currently exports about 240,000 tonnes of beef to Britain - more than 50 per cent of total output - which is worth about €1.1 billion to the economy.

Mr Burke said Government aspirations of exporting 20,000 tonnes a year to the US were "not going to materialise" until the State gained access to the larger mince segment of the US market, where demand is strongest.

In a statement on Thursday night, the Department of Agriculture said: "There are four plants approved to export beef to the US and a number of others are going through the approval process at present.

"The Department is at present working through a complex technical process to agree the terms on which manufacturing beef can be exported to the US, and positive progress is being made."

According to sources, hygiene protocols connected with the processing of manufactured beef still need to be bridged before the licence can be widened. The US authorities are understood to insist on different E.coli prevention measures.

Larry Goodman's ABP Foods was the first European firm to begin supplying the US beef market since the lifting of the ban, having secured a contract with food distributor Sysco.

The US is likely to seek a lifting of restrictions on its beef exports to Europe as a quid pro quo for letting Europe back into the US, under the proposed EU-US trade deal.

The current trade arrangements limit the US to exporting about 30,000 tonnes of beef into Europe before a punitive tariff kicks in.

An easing of these rules is expected to disrupt the pattern of trade in Europe, with an influx of US beef lowering prices and eroding producer margins.

A recent report by the research group, Copenhagen Economics, suggests the beef industry here stands to lose between €25 million and €50 million a year in this scenario.

AUSTRALIA

Sequía y moneda débil jaquean las finanzas del sector ganadero

19 August 2015 AUSTRALIA – Weather and economics have seen Australian cattle farm incomes double over the last twelve months as farmers have sold more cattle for more money.

A weaker Australian dollar has driven live exports higher as a prolonged drought resulted in turn-off rates climbing to a 36 year high.

This was met by a 24 per cent lift in cattle prices, a new government report says.

Northern operations saw cash income average A\$74,700 per farm in 2013-14 and then lift to A\$148,000, a 50 per cent rise above the ten year average in real terms.



In the south, cash income almost doubled, rising from \$38,100 in 2013-14 to 64,000 last year, 35 per cent above the ten year average.

This did not mean farms were profitable, however, according to the Australian Bureau of Agricultural and Resource Economics (ABARES) figures.

Profits remained in the negative although reduced to a quarter, from A\$-76,900 in 2013-14 to losses of \$-19,000 last year.

Farm debt also increased four per cent.

According to the ABARES survey of beef operations over 100 head, high turn-off rates were balanced by higher live cattle exports.

In total, drought affected 30 per cent of beef farms in 2014-15, slightly more than the previous year and resulted in a nine per cent reduction in cattle numbers where drought struck.

Cattle turn-off, rising nationally since 2012-13, remained around ten per cent higher in the south than the north.

Farm cash incomes were bolstered by live cattle exports, income from which almost doubled from \$143,000 in 2013-14 to \$277,000 in 2014-15. Many cattle came from outside the key northern export region to enable this.

The report said: "Average farm cash income of all beef cattle producing farms in southern Australia, including mixed enterprise farms, is estimated to have increased from \$87 000 a farm in 2013-14 to average \$108 000 a farm in 2014-15.

"Farm cash incomes of southern Australian beef cattle producing farms are also dependent on crop receipts and receipts from sheep, lambs and wool. Receipts from crops generally declined in 2014-15."

Indonesia depende de Australia para abastecer su Mercado de carnes bovinas

The Jakarta Post Publication Date : 18-08-2015 Live cattle, boxed beef and wheat imports from Australia are detrimental to Indonesian interests in ensuring greater food security and establishing high-value strategic partnerships in Asia.

Indonesia must phase out its dependence on Australia in favour of alternative trading partners — such as India or Russia — that can offer a more secure and reliable food supply, provide greater strategic benefits and confide in complementary goals with Indonesian aspirations as a rising power.

Achieving food security through trade is a more promising strategy than food self-sufficiency.

Throughout history, well-strategised, purposeful and selective trading has transformed quiet fishing villages into bustling commercial centers and global hubs of maritime power.

Nations that trade from "hand-to-mouth", however, suffer an opposite fate.

China traded its way into British opium addiction, Indonesia sold itself into a Dutch spice monopoly and the Middle East traded away its oil for perpetual Western wars.

Despite hiccups, Jakarta's current policy on beef self-sufficiency remains feasible due to its limited scope and should not be equated with full-spectrum food self-sufficiency.

Australian critics, however, are also correct in pointing out that beef self-sufficiency is an extremely challenging venture that cannot be achieved overnight and, in the short run, might undermine food security in terms of beef availability and affordability.

In recent years, Indonesian public sentiment, policy-making circles and political elites have grown increasingly supportive of protectionist measures.

Although I strongly object to blank-check protectionism, the trade in live cattle, boxed beef and wheat with Australia is an excellent example of unthinking hand-to-mouth trading.

First, dependence on Australian live cattle, boxed beef and wheat imports greatly undermines Indonesia's food security.

Bilateral trade in this area rests on a fragile foundation. Indonesia continues to find itself held hostage to Canberra's quasi-tribal domestic politics.

Indonesia is often treated merely as a rhetorical device whose interests and insecurities deserve neither consideration nor consultation.

Jakarta's growing reluctance to steadily continue, let alone expand, its trade with Canberra is the result of numerous precedents of perceived Australian unfairness toward Indonesia.

In 2011, Australia unilaterally imposed a live cattle export ban ahead of Ramadhan against the country that previously bought 45 per cent of its live cattle exports.

In 2013, Canberra was revealed to have given illegally obtained information to the US to use against Indonesia in a trade dispute concerning shrimps and clove cigarettes.

Australia's plain packaging policy was seen as yet another technical trade barrier aimed at tobacco products, a labour-intensive industry that contributes US\$670 million to Indonesia's annual exports.

In 2015, Australia's abuse of "boycott" rhetoric, the cancelling of trade delegations, the recalling of its ambassador and halting of ministerial-level contact further damaged confidence within Indonesian business circles and importers, fostering perceptions that economic and trade relations between Indonesia



and Australia were as shaky as its politics. Australian wheat comes with a note of caution. Until 2005, Australia abused the UN Oil-for-Food program and bribed its way into controlling 90 per cent of Iraq's wheat market, resulting in the UN Volker Inquiry and Australia's Cole Inquiry.

Securing Australia's wheat trade became an important agenda in the lead-up to the 2003 invasion of Iraq, in which Canberra repeatedly sought assurance from Washington that its near monopoly would be left unharmed in return for Australian support of the war.

Furthermore, common assumptions that trading more with Australia lessens the possibility of intervention and armed conflict are as misleading as they are historically incorrect.

Redirecting the bulk of live cattle, boxed beef and wheat trade away from Australia will diversify Indonesia's food sources and improve overall food security by anticipating potential droughts, crop and live cattle diseases, non-tariff barrier as well as future political fallouts with Australia.

Indonesia should prioritise high-value partnerships in Asia that could offer additional strategic benefits over of low-value unsustainable trade relations with Australia.

Australia's relative decline and Indonesia's sustained rise means that, over time, both will grow further apart in terms of their regional weight and global outlook.

The two countries will inevitably developing divergent — and perhaps irreconcilable — interests.

The opportunity costs of trading with Australia will soon outweigh any future strategic benefits.

Insisting on unsustainable trade with Australia represents false intuition, an uninformed knee-jerk reflex to perpetuate the familiar, something that is unabashedly promoted by those who have a direct interest in Australian transactions and handouts.

Those who have an intimate interest in the Australian relationship masquerade under the pretense that their narrow interests represent and constitute the interests of the greater Indonesian public.

Redirecting our beef demands to neighbouring India, in contrast, would increase Indonesia's exposure to the Indian Ocean, further familiarising Jakarta with the neighbouring Asian giant that will continue to grow in economic power and geopolitical importance.

Over time, this will help foster a common interest in securing bilateral trade routes in addition to responding to the similar perceived threat of Chinese expansionism that might impact regional stability.

Similarly, importing wheat from faraway Russia offers considerable strategic spillover and is not as counter-intuitive as it might seem.

Having to freight our wheat from the Black Sea will force Indonesia to bargain for better deals, continuously renegotiate our terms of trade, incentivise a more cost-efficient commercial fleet, find suitable exports to fill returning cargos at a profit and, eventually, deploy the necessary naval assets needed to jointly protect our bilateral trade from disruptions at sea.

As the second largest arms exporter worldwide, relations with Russia could grow immensely in strategic value, especially once Indonesia achieves its Minimum Essential Forces in 2024.

Strategic spillovers, however, do not happen automatically. Indonesia must strive to ensure that our trade today is aimed at winning future strategic benefits and not merely designed to sustain a coolie's hand-to-mouth existence.

Indonesia faces the dilemma of dependence mixed in with disrespect when dealing with Australia.

Indonesia must now secure a "food bowl" for its citizens because a "begging bowl" made in Australia will not suffice.

Aumentan las exportaciones australianas hacia CHINA en Julio de 2015

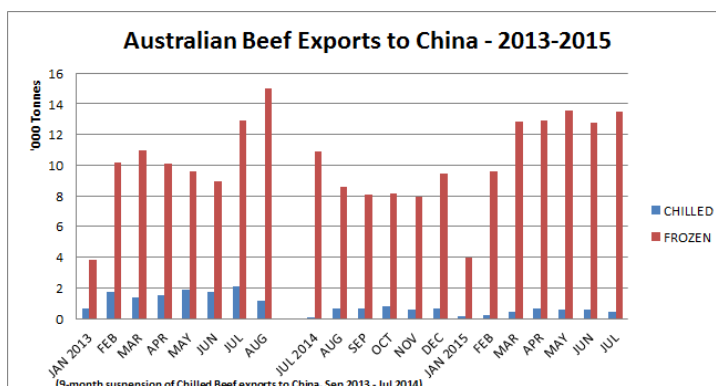
20 August 2015 The strong year-on-year increase in Australian beef exports to China in July is positive news for Australian exporters, but needs to be understood in the context of changes in market access and policy changes in China.

Australian Beef Exports to China – Year-On-Year				
		July	July	
(Tonnes)		2014	2015	% Change
TOTAL	TOTAL	10,949	13,915	27%
CHILLED	TOTAL	82	435	430%
FROZEN	TOTAL	10,867	13,479	24%
TOTAL	GRASSFED	10,615	11,873	12%
TOTAL	GRAINFED	334	2,042	511%
CHILLED	GRASSFED	78	361	362%
CHILLED	GRAINFED	4	74	1729%
FROZEN	GRASSFED	10,537	11,512	9%
FROZEN	GRAINFED	330	1,967	496%

Source: DA



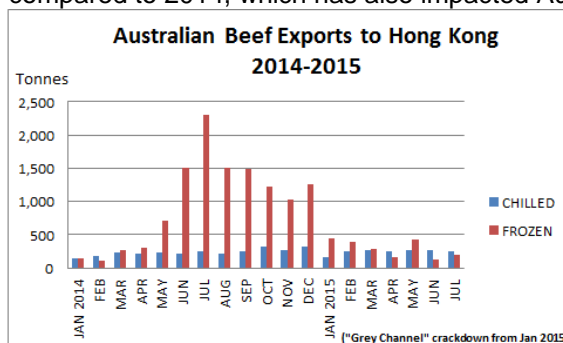
Chilled beef exports to China from all eligible export countries, including Australia, were suspended in September 2013 for nine months. In early July 2014, 10 plants were approved in Australia for chilled beef processing for export to China. Chilled beef exports have not yet recovered to the levels seen prior to the 2013 suspension, though frozen beef has seen growth over the past 12 months.



Source: DA

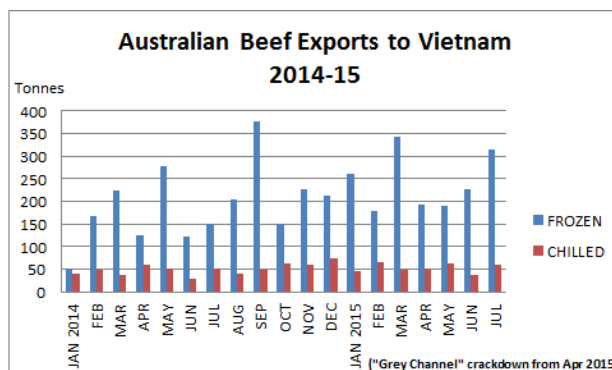
The “grey channel” crackdown by Chinese authorities this year has also positively impacted Australian beef exports (which do not need to use “grey channels”). The “grey channels” are those by which unauthorised and often inferior beef imports enter China illegally, mostly through Hong Kong and Vietnam but also Cambodia and Myanmar. Industry sources estimate that about 750,000 tonnes of beef enters China through these channels each year.

This year, there have been two waves of crackdown – one in January, which focused on Hong Kong, and another in April, aimed at Vietnam. The volume of frozen beef imported into Hong Kong has seen a 13% YTD decline overall this year compared to 2014, which has also impacted Australian exports.



Source: DA

In addition, Australian beef exports to Vietnam also saw a decrease in April this year, but have since recovered. US and Brazilian beef exports to Vietnam also dropped this year.



Source: DA

China’s direct official imports of frozen beef have been increasing this year. Official China import statistics record a 26% increase in frozen beef imports overall YTD up to June this year. Although Australia remains China’s number one source of frozen beef, our percentage share YTD has fallen slightly, whilst other countries such as Argentina, New Zealand and Uruguay have seen significant increases.

China’s “grey channel” crackdowns, seen by industry experts as the most intense and longest-running in memory, are part of a general tightening around food safety. A new Food Safety Law will come into effect



in China in October 2015, the first update of its food safety law since 2009. Many consider it will be the harshest food safety regulation to date, and will have a significant impact on both domestic and foreign firms involved in food business in China. The new law grants regulatory bodies more authority, sets harsher penalties for violations and introduces more guidelines for consumer product manufacturing and production. Whilst food scandals in China have effectively benefited foreign firms, as the Chinese middle class often trusts foreign imports over local products, the new law is designed in part to improve domestic food production standards and consumer confidence in Chinese produce. This will increase competition for foreign firms over the medium to long term.

While these developments highlight some of the challenges of trade with China, it also underscores the potential opportunities to grow export volumes and value through official, direct channels. The Australian red meat industry is currently working to grow the number of approved exporters to meet the large and growing Chinese consumer demand for safe meat and is focusing on leveraging the competitive advantages of Australian red meat, in order to successfully differentiate and compete globally in the medium to long term.

VARIOS

CHILE muestran los primeros resultados de un estudio sobre los atributos de la carne de vacuno

Fuente: Eurocarne Digital, 18/08/2015 El académico e investigador de la Pontificia Universidad Católica de Chile, Rafael Larraín Prieto, Magister y Doctor en Ciencias Animales, ha mostrado recientemente los resultados del estudio denominado Valoración de atributos de la Carne Bovina en Chile, en el marco de la reunión de la Mesa Bovina, más precisamente de la Subcomisión Productividad y Mercado Interno. La iniciativa fue impulsada y apoyada en forma conjunta por la Corporación de la Carne, Frival y Faenacar.

El objetivo del proyecto fue dar a conocer la valoración que hacen los consumidores de los atributos de la carne bovina, y en base a ellos plantear las bases para la creación de un sistema de clasificación por calidad comestible. El estudio se inicia identificando y cuantificando los atributos que el consumidor más valora al preferir carne bovina, a través de grupos focales (identificación) y paneles de consumidores (cuantificación).

A partir de esta información se elaborará un índice de apreciación general de calidad por los consumidores, que permita determinar ciertos rangos entre los que la carne se podría clasificar, por ejemplo, como premium, muy buena, para todos los días, o de baja calidad. “En base a estos resultados, el proyecto termina generando en conjunto con la cadena de producción de la carne una propuesta para desarrollar un estándar de calidad comestible que pudiera ser adoptable a nivel nacional”, resalta el académico.

Acerca de los factores que inciden sobre ocasiones de consumo habitual o esporádico, el estudio demostró que en general, el proceso de toma de decisiones de compra y lo que se espera de la carne comprada es diferente dependiendo si la persona está pensando en carne para consumo habitual (durante la semana, almuerzo o cena de rutina) o para una ocasión especial (celebraciones, fines de semana, asados). “Dependiendo de la ocasión, existen diferentes combinaciones de cortes y cocción que la persona considera dentro de sus posibilidades para comprar. El abanico de posibilidades de corte/cocción depende de la información que el consumidor maneje, y que proviene principalmente de tradición familiar (lo que aprendió en la casa o de padres/abuelos), de amigos, y en menor grado de la asesoría de algún carnicero de confianza. También hay un efecto de sus experiencias previas de compra y consumo”, describe Larraín.

En este estudio, también se hace referencia a los principales atributos intrínsecos relacionados con la compra de carne, donde a nivel mundial, los más importantes para los consumidores son la terneza, la jugosidad y el sabor. “La terneza se considera como el atributo más importante para evaluar la satisfacción de consumir un trozo de carne bovina. Inmediatamente detrás de la terneza vienen, al mismo nivel, tanto la jugosidad como el sabor. Muy por debajo de estos tres atributos empiezan a aparecer otros factores como el olor, que la carne tenga poca grasa (o una cantidad “adecuada” de grasa en algunos casos), que tenga pocos “nervios”, etc.”, asegura el investigador.

Hasta ahora, el estudio solo ha completado la etapa exploratoria de grupos focales, para poder identificar los atributos más importantes y así poder elegir de mejor manera las preguntas a realizar en los paneles de consumidores. Entre los resultados más interesantes destaca la disponibilidad de pagar más por carne que tenga algún tipo de certificación de calidad organoléptica para el consumidor.

Por otro lado, Larraín sostuvo que otro resultado interesante es que pareciera haber en el consumidor un gran desconocimiento y necesidad de información que lo ayude a tomar una buena decisión al momento de la compra de carne bovina. “En general, la compra de la carne genera incertidumbre y el consumidor valora herramientas que pudieran reducir esa indecisión y darle garantía de que lo que está comprando cumplirá sus expectativas. Por eso existe aceptación y añoranza por la relación personal con el carnicero, que se daba antes con mucho más frecuencia que ahora”, puntualiza el académico.



EMPRESARIAS

Auchan abrirá uma planta frigorífica em RUSIA

19/08/15 - por Equipe BeefPoint A rede varejista francesa, Auchan, anunciou planos de construir uma planta frigorífica na Rússia, após o escândalo veterinário no braço russo da rede varejista. Com essa medida, a Auchan se tornará a primeira varejista na Rússia a construir sua própria planta de processamento. O projeto, de US\$ 40 milhões, terá capacidade de 40.000 toneladas e ajudará a companhia a garantir a qualidade dos produtos de carne em suas prateleiras.

De acordo com a diretora de comunicações externas da Auchan na Rússia, Maria Kurnosov, a companhia já está atraindo os produtores rurais para assinar contratos de cooperação de longo prazo em Tambov Oblast, onde a planta será localizada. O diretor do departamento de desenvolvimento pecuário em Tambov Oblast, Alexey Filin, do Ministério da Agricultura, também revelou que a planta produziria 23.000 toneladas de carne bovina, 15.000 toneladas de carne suína e 2.000 toneladas de carne de carneiro.

A construção deverá começar em setembro e a planta deverá começar a funcionar no quarto trimestre de 2016.

“A Auchan envolveu a companhia francesa Cia Genes Diffusion, que ajudará os produtores com as tecnologias de cria e genética. Juntos, eles já conduziram auditorias veterinárias em várias fazendas em Tambov Oblast”. Sob um acordo especial com os produtores, a Auchan financiaria os últimos 100 dias de engorda dos animais, quando o gado deve ser alimentado com concentrado para melhorar a qualidade da carne.

Os contratos com firmas locais cobririam um período de cinco anos e envolveria companhias de Tambov Oblast, e potencialmente Lipetsk e Voronezh Oblasts.

A decisão da Auchan segue um importante escândalo, onde o órgão veterinário russo, Rosselkhozadzor, identificou microrganismos perigosos, incluindo Listeria e E.coli, em 37 das 45 amostras coletadas das lojas da companhia. Os serviços veterinários também alegaram que a Auchan vendia produtos de suínos aos clientes contendo DNA de cavalo, bovinos e aves, e que estava manipulando o prazo de validade dos produtos através da rotulagem.

O caso pode ter importantes consequências para o mercado, à medida que o governo russo está considerando uma lei para proibir os varejistas de processarem produtos de carne, fazendo que esses tenham que recorrer a terceiros para processar carnes vendidas sob marcas próprias. O Parlamento russo também está considerando estreitar a legislação sobre fraudes e violações em carnes, o que permitiria multas para essas práticas e fechamento temporário das operações varejistas se forem encontradas violações uma segunda vez.

JBS Mercosul melhorará sus márgenes en el tercer trimestre de 2015

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/08/15 - por Equipe BeefPoint Depois de registrar forte queda na margem no segundo trimestre, a JBS Mercosul está “claramente” em trajetória de recuperação das margens e isso poderá já ser visto ainda no terceiro trimestre, disse hoje o CEO global da JBS, Wesley Batista. A JBS Mercosul é a divisão da empresa brasileira que engloba as operações de carne bovina no Brasil, Argentina e Paraguai.

Em teleconferência com analistas e investidores para comentar os resultados do segundo trimestre do ano, o empresário disse que a forte queda das exportações brasileiras de carne bovina foi o principal fator de redução de margem da JBS Mercosul. Além do impacto negativo das exportações, Batista afirmou que o custo mais alto para compra de gado bovino também prejudicou a margem. No segundo trimestre, a margem Ebitda da divisão foi de 5,1%, 4,8 pontos percentuais abaixo da margem de 10,1% de um ano antes. Na mesma base de comparação, as exportações da JBS Mercosul caíram 12,6%. No segundo trimestre, a receita líquida da divisão foi de R\$ 7,2 bilhões, alta de 14,5%.

Para os próximos trimestres, porém, já há uma recuperação das margens, indicou o empresário. “Estamos vendo o mercado externo se recuperar. Vamos ter o terceiro trimestre com margens melhores”.

Ele acrescentou que a abertura dos mercados de China e EUA para a carne bovina brasileira é favorável, e a JBS é a principal beneficiada, em sua avaliação.

No caso da China, do total de nove frigoríficos brasileiros reabertos, sete são da JBS. Já nos EUA, a forte presença da companhia no país também deve ajudar. Ainda faltam trâmites para o início efetivo dos embarques de carne bovina do Brasil aos EUA.

O CEO também disse que, se no momento de piora a JBS foi a empresa do setor que mais sofreu com a queda das exportações, no momento de recuperação também será a JBS a mais beneficiada.

“Quase 45% [das exportações brasileiras de carne bovina] são feitas pela JBS. Quando você tem um impacto e uma queda tão significativa como assistimos, logicamente quem tem o maior pedaço do mercado é quem sofre mais. Por outro lado, o benefício vem com a recuperação”, disse.



Além disso, o ajuste de oferta feito pelos frigoríficos brasileiros nos últimos meses, com o fechamento de dezenas de unidades para adequar a capacidade de abate ao volume de boi disponível, “equilibrou” o balanço de oferta e demanda da indústria.

JBS una subsidiaria australiana hizo una oferta para comprar una empresa neocelandeza

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/08/15 A subsidiária da JBS na Austrália fez uma oferta para adquirir participação majoritária no capital da Scott Technology Limited, companhia neozelandesa de robótica e serviços de tecnologia, que inclui máquinas para processamento de carne e alimentos.

A proposta visa adquirir 50,1% das ações da Scott a um valor de NZ\$ 1,39 por ação, equivalente a um valor de mercado de NZ\$ 63 milhões, ou aproximadamente US\$ 42 milhões.

Em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a JBS SA explica que a subsidiária já tem uma relação comercial com a Scott, sendo considerada uma cliente chave para a empresa. “Muitos dos desenvolvimentos tecnológicos da Scott foram realizados em parceria com a JBS tanto na Austrália quanto globalmente”.

A transação está sujeita às aprovações pelas autoridades competentes da Nova Zelândia.

JBS avanzaría en automatización con una adquisición en Oceanía

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/08/15 - por Equipe BeefPoint A JBS informou ontem (20) que sua subsidiária indireta na Austrália fez uma oferta de US\$ 42 milhões para adquirir 50,1% da empresa de robótica Scott. Sediada na Nova Zelândia, a empresa atraiu o interesse da JBS pela atuação na área de automação do processamento de carnes.

Em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a JBS destacou que já tinha relação comercial com a Scott. “Muitos dos desenvolvimentos tecnológicos da Scott foram realizados em parceria com a JBS tanto na Austrália quanto globalmente”, informou a empresa. A confirmação do negócio ainda depende do aval das autoridades regulatórias da Nova Zelândia.

Na avaliação do diretor de relações com investidores da JBS, Jerry O’Callaghan, era necessário avançar na área de automação, sobretudo nos países desenvolvidos, onde o custo de mão de obra é mais alto. Além disso, o setor frigorífico é marcadamente intensivo em mão de obra, disse.

Nesse sentido, disse, o investimento na Scott pode ser visto como uma vantagem competitiva da JBS no processo de automação.

Para a Scott, os recursos que serão recebidos da JBS equacionam a necessidade de capital da empresa, que fez duas aquisições desde o ano passado, pagando US\$ 5,4 milhões pela americana RobtWorx e mais US\$ 9,5 milhões pela australiana Machinery Automation & Robotics (MAR).

A partir do investimento da JBS, a meta da Scott será “revolucionar” a área de processamento de carnes e expandir sua atuação na Ásia, EUA e América do Sul, informou a empresa. Nos últimos doze meses encerrados em junho, a Scott teve faturamento de cerca de US\$ 40 milhões.

URUGUAY Ajustan protocolo para carnes Holando de alta calidad

Agosto 21, 2015 Comité técnico promovido por la ANPL impulsa el programa para atender también la demanda de productos saludables

Desde terneros los novillos Holando tienen un cuidado especial, sobresaliendo el bienestar animal

La Asociación Nacional de Productores de Leche (ANPL) está impulsando la formalización de un protocolo responsable de la producción de carne de Holando joven con calidad de exportación y que responda a las características que destacan a Uruguay referidas a un producto de alta calidad y saludable, lo que cada vez se estima tendrá mayor exigencia en los mercados.

El tema fue destacado a El Observador por el vicepresidente de la Asociación Nacional de Productores de Leche (ANPL), Walter Frisch, quien explicó que la iniciativa se está ajustando a través de un comité técnico integrado por representantes de la gremial, el Instituto Nacional de Carnes (INAC), el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA), el Instituto Plan Agropecuario (IPA) y el Instituto Nacional de la Leche (Inale). Este ámbito establecerá las pautas para que a través del manejo que hace el productor en sus rodeos lecheros pueda producir ese tipo de animales Holando requerido por el mercado.

El dirigente entendió que en aproximadamente tres años el mercado estará exigiendo con especial preferencia carnes de ganados libres de hormonas, antibióticos y que tenga un correcto manejo en materia de bienestar animal.

El ganado Holando de Uruguay cuenta con una condición ventajosa en la actualidad referida a su condición sanitaria mediante una refrendación sanitaria anual de quienes manejan este ganado. Se trata de animales que no tienen un manejo agresivo y que tampoco cambia a muchos propietarios, porque generalmente terminan su vida productiva en el mismo predio donde nacen, lo que es importante para el bienestar animal, explicó Frisch.



Además es una carne reconocidamente magra, es saludable, por ser de animales jóvenes tiene mucha ternura y excelente calidad, por lo que se trata de agregar valor para superar la barrera económica de un sistema que es costo, pero que permite solucionar un problema de descarte que le genera pérdidas a los tambos por ese concepto, sostuvo el directivo de la ANPL.

Por otra parte ya está funcionando un programa de faena de animales Holando, preferentemente novillos, pero también con vacas gordas y flacas, con precios equivalentes a ganados de carne, a través de un acuerdo con el Grupo Minerva en sus dos plantas de Carrasc